

A DOENÇA VIVIDA E ROMANTIZADA: A TUBERCULOSE NAS OBRAS DE MASAOKA SHIKI E KAJII MOTOJIRÔ

LIVED AND ROMANTICIZED ILLNESS: TUBERCULOSIS IN THE WORKS OF MASAOKA SHIKI AND KAJII MOTOJIRÔ

Karen Kazue Kawana¹

Resumo: Este artigo procura fazer uma reflexão sobre a forma como o poeta e crítico Masaoka Shiki e o escritor Kajii Motojirô escrevem sobre a tuberculose, doença que contraem e da qual vêm a morrer, em suas obras. Em nossa opinião, sua abordagem difere daquela encontrada em alguns romances do século XIX nos quais a doença e os doentes são imbuídos de uma aura sentimentalista como o romance *Hototogisu* de Tokutomi Roka.

Palavras-Chave: Literatura Japonesa; Tuberculose; Metáfora; Masaoka Shiki; Kajii Motojirô.

Abstract: This article aims to discuss how the poet and critic Masaoka Shiki and the writer Kajii Motojirô deal with tuberculosis, an illness they both contracted and from which they would die, in their literary works. In our opinion, their approach differs from that found in some 19th-century novels in which illness and the sick are imbued with a sentimental aura as in the novel *Hototogisu* by Tokutomi Roka.

Keywords: Japanese Literature; Tuberculosis; Metaphor; Masaoka Shiki; Kajii Motojirô.

1. A tuberculose como metáfora

Epidemias não são novas, fazem parte da história da humanidade. Elas afetaram populações, provocaram mortes e, em maior ou menor grau, transformaram-se em metáforas com conotações, em geral, negativas. Entretanto, o caso da tuberculose, como veremos, é um pouco peculiar.

Segundo Schwarcz e Starling (2020), os primeiros registros de tuberculose remontariam ao Egito Antigo e à “tísica”, palavra grega que significa “definhamento” e que designaria a doença ao menos desde o século V a. C., sendo empregada por Hipócrates. O bacilo de Koch foi identificado em 1882 pelo cientista Robert Koch, que também descobriu o vibrião

1 Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas; kkawanak@gmail.com; (ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1030-5070>)

do cólera em 1883. Hoje, a tuberculose é curável, mas ela assombrou boa parte do mundo particularmente durante o século XIX, em meio à Revolução Industrial e à expansão urbana. Calcula-se que ela tenha contaminado um bilhão de pessoas (cf. SCHWARCZ; STARLING).

No Japão, como acontecia na Europa, a tuberculose era um mal com o qual as pessoas tinham que conviver, especialmente no período de modernização pelo qual o país passou entre o final do século XIX e início do século XX. O rápido desenvolvimento industrial criou um contingente de trabalhadores que viviam em condições deploráveis e debilitantes para a saúde, o que facilitava a propagação da doença. Jovens mulheres recrutadas para trabalhar na indústria têxtil foram algumas de suas principais vítimas.

Se, por um lado, práticas de sanidade, como o isolamento dos doentes, pudessem ser vistas como um meio de evitar a transmissão, por outro, elas estigmatizavam os doentes que se tornavam párias indesejáveis. Algumas pessoas, como o folclorista Yanagita Kunio (1875-1962), chegam a sugerir que essa teria sido a causa da maior parte dos suicídios durante os períodos Meiji e Taishô (TODD, 2017, p.9). A incidência da doença começou a diminuir a partir de 1900, com a melhoria das práticas de higiene, mas o número de mortes permaneceu alto até a descoberta da estreptomicina em 1944.

É típico dos seres humanos fazer associações, então, transformar doenças em metáforas não é algo estranho, porém, essa prática é criticada por Susan Sontag em *Illness as Metaphor (A Doença como Metáfora)*, (1978). Segundo ela, a forma mais saudável de considerar doenças seria resistindo a transformá-las em metáforas de qualquer tipo ou a estigmatizá-las: “Qualquer doença tratada como um mistério e temida o suficiente será sentida como moral, senão literalmente, contagiosa”² (SONTAG, p. 6). Receber o diagnóstico de tuberculose, no passado, era receber uma sentença de morte e as conversas sobre a condição dos doentes era discutida em voz baixa como se fosse um tabu.

Personagens acometidos pela doença surgem em várias obras literárias ocidentais, como em *A Dama das Camélias* (1848), de Alexandre Dumas, e *A Montanha Mágica* (1924) de Thomas Mann. O mesmo se observa na literatura japonesa a partir do final do século XIX, como em *Hototogisu (O Cuco)*, (1890) escrito por Tokutomi Kenjirô (1868-1927) sob o pseudônimo de Tokutomi Roka. A tuberculose fazia parte da realidade cotidiana nesse período e a descrição de seus efeitos sobre o corpo, as estadias em sanatórios e a dor da perda de entes queridos são frequentes na literatura.

A tuberculose é compreendida como uma doença que afeta os pulmões e que possui muitos contrastes, alternando palidez e rubor, hiperatividade e languidez. Há tosse e dificuldade para respirar. O doente definha, tem febre, enfraquece. Ele pode viver por muitos anos sofrendo crises ou ter uma morte rápida. Os tratamentos recomendados antigamente consistiam em manter uma boa alimentação e mudar de ambiente, estadias em lugares mais altos e secos, como ir para as montanhas, por exemplo, seriam salutares.

Talvez devido à sua disseminação, apesar de os doentes serem vistos com receio e pena, a tuberculose também adquiriu uma aura romântica entre artistas e escritores

2 Todas as traduções, a menos que especificadas nas referências, são nossas.

européus do século XIX. Pessoas com uma sensibilidade especial estariam mais propensas a contrair a doença. Havia algo de mágico e trágico em se morrer jovem de um mal então incurável. Vários romances descrevem personagens que, após várias desventuras, morrem de tuberculose e provocam comoção nos leitores, como Marguerite Gautier em *A Dama das Camélias*. Marguerite é uma bela cortesã pela qual Armand, um jovem de família respeitável, apaixona-se e é correspondido. Ele a leva para viver no campo para afastá-la dos outros pretendentes, mas o pai de Armand intervém e faz com que Marguerite deixe o filho sob o pretexto de que o relacionamento ameaçaria o casamento da irmã mais nova de Armand. Marguerite se afasta dizendo que tem outro amante e Armand só descobre a verdade depois que ela morre.

Devido a essas associações da doença com uma “bela alma”, a aparência frágil e debilitada dos tuberculosos não era considerada de todo má, ao contrário, indicava um espírito elevado e complexo, era quase uma marca de distinção:

Muitas das atitudes literárias e eróticas conhecidas como “agonia romântica” derivam da tuberculose e suas transformações através da metáfora. A agonia se tornou romântica por meio de uma descrição estilizada dos sintomas preliminares da doença (por exemplo, a debilidade é transformada em languidez) enquanto a agonia real era simplesmente suprimida. (SONTAG, 1978, p. 29)

A aparência física foi glamorizada e passou a conotar vulnerabilidade, uma sensibilidade superior e chegou a ser vista como um ideal de beleza feminino. Apesar de ninguém, na época, negar que a tuberculose fosse uma doença terrível, ela também parecia ir de encontro aos ideais de afirmação da individualidade que ganhavam força no final do século XIX. A doença fazia com que o indivíduo refletisse sobre si e sobre sua mortalidade, dava-lhe “profundidade” e o tornava mais interessante. E, como pessoas sensíveis seriam capazes de sentir tristeza e melancolia, conseqüentemente, eram elas que contraíam tuberculose. Elas seriam pessoas superiores, criativas e boêmias. Apesar de reações para rechaçar essa visão romântica da tuberculose terem existido, ela manteve muitos de seus atributos até o final do século XIX e início do século XX (cf. SONTAG).

No Japão, vários escritores foram vítimas da doença, como Higuchi Ichiyô (1872-1893), Takayama Chogyû (1871-1902), Kunikida Doppo (1871-1908), Futabatei Shimei (1864-1909), Masaoka Shiki (1867-1902), Kajii Motojirô (1901-1932), entre outros. E, por isso mesmo, ela não é descrita apenas em obras de ficção como o romance de Tokutomi, mas também é abordada em diários íntimos e na poesia, como faz Shiki; e em textos que refletem as emoções do autor, como faz Kajii. Em ambos os casos, a longa convivência com a tuberculose transparece como parte da realidade cotidiana e poderia ser considerada até mesmo um motor, uma fonte de inspiração, para a atividade criativa.

Neste artigo, procuraremos refletir sobre em que medida a forma como a tuberculose é tratada no romance de Tokutomi difere da forma como ela é tratada nos

diários e *haiku*³ de Shiki e nos contos de Kajii. Acreditamos que estes últimos estejam isentos do sentimentalismo do primeiro e evitem recorrer a metáforas de ordem moral ou metafísica na abordagem dessa doença.

2. Masaoka Shiki e seus diários de enfermo

Dois anos depois que Sontag escreveu seu texto criticando as metáforas associadas a doenças como a tuberculose, Karatani Kôjin escreve que, no Japão, ela nunca teria sofrido esse tipo de inversão de valores denunciado pela autora:

A tuberculose, disseminada na sociedade europeia do século XVIII, era uma realidade trágica. A imagem da tuberculose, entretanto, estava afastada daquela realidade, existindo como um “significado” que invertia o real. No Japão, a tuberculose, ou as doenças em geral, nunca existiram como “significado” capaz de produzir tal inversão de valores. (KARATANI, 1993, p. 102)

Segundo ele, isso ocorreria apenas no final do século XIX, e seu marco seria a publicação do romance *Hototogisu (O Cuco)* de Tokutomi Roka. O título da obra se inspiraria no fato de essa ave mostrar o fundo vermelho da garganta quando abre o bico, o que lembraria o escarro sanguinolento dos tuberculosos (LOREZAND, 2015), já segundo lendas, o cuco cantaria até tossir sangue, daí a associação com a doença.

O romance de Tokutomi foi um grande sucesso de vendas no período Meiji. Ele foi publicado sob a forma de livro em 1900, sendo reimpresso cem vezes até 1909 e traduzido para várias línguas. Namiko, sua protagonista, levanta questões sobre a impotência do indivíduo, especialmente quando se trata de uma mulher, diante de um sistema que coloca os interesses da família em primeiro lugar.

Kataoka Namiko é a filha de um militar de alta patente com título de visconde que se casa com o barão Kawashima Takeo. Namiko já havia perdido a mãe para a tuberculose e foi criada por uma madrasta que a tratava mal. Ela se casa e parece feliz, mas então também contrai tuberculose e a sogra a separa do marido alegando que a doença a impediria de ter filhos, raciocínio que pode ser explicado pelo fato de muitos japoneses considerarem a tuberculose hereditária mesmo após a descoberta do bacilo feita por Koch em 1882 (cf. ITO, 2000). A mãe de Takeo usa o argumento de que Namiko constituía uma ameaça para o futuro da família Kawashima. Sozinha, doente e forçada a se divorciar do homem que ama, ela não vê mais sentido em continuar

3 Nossa escolha pelo termo *haiku* para designar os poemas escritos por Masaoka Shiki se baseia no que escreve Andrei Cunha: “É a partir de Shiki que o *hokku*, isolado do *haikai no renga*, torna-se objeto de estudo e ganha importância enquanto forma literária. Shiki decide mesmo criar um novo nome para a forma poética: *haiku*, uma fusão da primeira sílaba de *haikai* e da segunda sílaba de *hokku*. Seria um erro considerarmos que o *haiku*, na concepção de Shiki, seja sinônimo de *haikai*, ainda que ele tenha suas raízes nesse estilo poético.” (MASAOKA, 2021, p. 14)

vivendo e está prestes a se jogar ao mar quando é salva por Ogawa Kiyo. Esta lhe narra sua triste história, contando como fora acolhida pelos membros de uma instituição cristã quando achava que tudo estava perdido. Ela pede que Namiko seja forte e encontre forças e consolo na leitura da *Bíblia*.

O sucesso do livro revela uma nova forma de considerar o indivíduo, uma mudança de sensibilidades e a rejeição dos valores feudais que ainda existiam na sociedade japonesa. Além disso, a doença de Namiko também lhe confere uma aura singular e faz com que os leitores se compadeçam de seu destino. Ela é um ser puro, bom demais para viver em um mundo injusto, que não reconhece seu valor e sua morte, de certa forma, constitui quase uma forma de libertação. Namiko, assim como Margarite Gautier, é vítima de um sistema movido por valores e convenções que desconsideram o indivíduo. Ambas são, também, mulheres que se tornam ainda mais adoráveis e dignas de pena devido à tuberculose.

Em contraste com essa inversão de valores em relação à tuberculose no romance de Tokutomi, Karatani menciona o exemplo de Masaoka Shiki, pseudônimo de Masaoka Tsunenori, poeta e crítico da mesma época, que narra seu cotidiano de enfermo em diários. O nome artístico adotado por ele, Shiki, é formado pela combinação de dois ideogramas que podem ser lidos como *hototogisu*, ou cuco, cujo significado já foi mencionado mais acima.

Shiki nasceu na cidade de Matsuyama em 1867, um ano antes da Revolução Meiji, seu pai era um samurai de classe inferior que morre quando o filho tem cinco anos. A situação financeira da família era precária e Shiki estudou os clássicos do confucionismo e frequentou escolas públicas. Ele entrou na Universidade Imperial, atual Universidade de Tóquio, mas abandonou os estudos em 1892 para se dedicar ao *haiku*. Ele escrevia sobre o assunto no jornal *Nippon*, criticando o estado em que essa forma poética se encontrava na época e foi o responsável por sua reforma e modernização.

Shiki foi diagnosticado com tuberculose em 1889, mas se limitou a ignorar a doença que se agravou a partir de 1894, mesmo ano em que a Primeira Guerra Sino-Japonesa teve início. Apesar de seu estado de saúde, ele desejava acompanhar os desdobramentos do campo de batalha de perto e foi enviado à China para ser o correspondente de guerra do jornal *Nippon*. Vivendo em condições distantes das ideais durante esse período, seu estado se deteriorou e, quando desembarcou em Kobe após a estadia no estrangeiro, ele mal conseguia andar e foi conduzido diretamente ao hospital. Apesar da descrença dos médicos, Shiki sobreviveu e retornou para a cidade natal, Matsuyama, onde foi passar algum tempo na companhia do amigo Natsume Sôseki (1867-1916), então professor desconhecido que ainda não havia publicado seu primeiro livro. (BEICHMAN-YAMAMOTO, 1975).

A partir de então, a doença apenas se agravou e se alastrou aos ossos, condenando Shiki à imobilidade. Em 1901, ele estava completamente confinado à cama, incapaz de andar e sofrendo com intensas dores, pois a doença havia afetado sua medula espinhal. Abscessos que não cicatrizavam complicavam o quadro. Ele relata os dois últimos anos de sua vida em três diários: *Bokujû Itteki (Uma Gota de Tinta)*, *Byôshô Rokushaku (Um Leito de Enfermo de um Metro e Oitenta)* e *Gyôga Manroku (Notas Aleatórias Escritas Deitado de Costas)*.

Bokujū Itteki foi escrito e publicado sob a forma de crônicas no jornal *Nippon* de janeiro a julho de 1901. *Byōshō Rokushaku* foi publicado de maio até sua morte em setembro de 1902, já *Gyōga Manroku* foi escrito entre agosto de 1901 e julho de 1902 e publicado, abreviadamente, em 1905, e integralmente em 1918. Escrever esses diários atestava que Shiki estava vivo e servia para aliviar seu sofrimento:

...para Shiki, escrever se tornara uma forma simbólica de vida, seu diário era mais do que literatura, era a própria vida. No entanto, se um apego à vida proporcionava o impulso básico para escrever o diário, então, nele, Shiki era livre para expressar, ao menos de modo indireto, seu igualmente forte desejo de liberação de seu sofrimento através da morte. (BECHMAN-YAMAMOTO, 1975, p. 296)

No Japão, o diário é um gênero que remonta ao século X, quando Ki no Tsurayuki escreveu o *Tosa Nikki* (*Diário de Tosa*, 935). Diários como *Kagerō Nikki* (*Diários de Kagerō*, 974), *Sarashina Nikki* (*Diário de Sarashina*, 1060), entre outros, seguiram-se a ele⁴. Mais do que um registro pessoal, eles tinham um valor literário e descreviam emoções e impressões do autor. Para Shiki, escrever diários era um meio de se manter ativo, distrair-se e esquecer o sofrimento: “Como encontrar consolo para o tédio de estar confinado à cama? De súbito, uma ideia me ocorreu enquanto estava entregue a meus pensamentos: escrever *Uma Gota de Tinta*.” (MASAOKA, 1927a, 24 de janeiro)

Apesar de sua doença, isolamento e dor, a beleza que descobre nas pequenas coisas que o cercam mantém seu interesse na existência. Ele enumera aquilo que lhe proporciona prazer, como comer, algo que faz com gosto, e observar pássaros se banharem no interior de uma gaiola: “Quando o recipiente de água em seu interior é trocado, todos os pássaros se precipitam para a parte de baixo para tomar banho, acho divertido observá-los do meu leito de enfermo” (MASAOKA, 1927a, 7 de março). Mesmo que muito daquilo que lhe proporcionava prazer antes estivesse fora de alcance, ele ainda conseguia demonstrar interesse pelo pequeno mundo ao qual sua condição o restringira:

Um leito de enfermo de um metro e oitenta, este é meu mundo. No entanto, este leito de um metro e oitenta é muito largo para mim. Se estender um pouco a mão, às vezes consigo tocar o tatame, mas sequer posso esticar as pernas para fora do acolchoado para deixar meu corpo confortável. Nos piores momentos, sofro de dores atroz e não consigo mover um músculo. (MASAOKA, 1927b, 5 de maio)

Apesar da limitação física, sua mente se mantém ativa e ele encontra reconforto no exterior e nas poucas ações que ainda consegue realizar. Shiki não romantiza sua condição ou a esconde, a certeza da morte surge mesmo em seus *haiku*: “esponjas em flor — / afogado no catarro / à espera da morte” (MASAOKA, 2021, p. 91).

4 Cf. NAGAE, 2002.

Ele sente dor, sofre, a doença não tem beleza alguma, no entanto, ela não o torna impermeável aos pequenos prazeres e liberdades que se reduzem pouco a pouco, ao contrário, ela parece amplificá-los e ele lamenta sua redução com tristeza:

Todos os prazeres e liberdades me foram arrebatados. Os únicos que me restam são o prazer de comer e a liberdade de escrever. Assim mesmo, a violência de minha dor esses dias quase me privou desta última, e a fraqueza de meu estômago me roubou a maior parte da primeira. Oh, que prazeres me restarão nos dias e meses que tenho pela frente? (MASAOKA, 1927a, 15 de março)

Sua capacidade de observação se expande e abarca os menores detalhes dos objetos próximos. Apesar de descrever emoções dolorosas em seus diários, ele mantém o humor e a ironia. Na entrada de 21 de maio, ele imagina uma audiência com Enma, o senhor do inferno. Shiki se posta diante da deidade e lhe explica que é um doente de Negishi⁵ que aguarda que alguém vá buscá-lo. Ele gostaria de saber quando isso aconteceria. Enma procura pelo nome de Shiki em seus registros e descobre que ele deveria ter morrido em 1897. O Demônio Azul número 5 é convocado para explicar o ocorrido. Este diz que não conseguiu encontrar a casa de Shiki e por isso voltou sem ele. O segundo demônio incumbido dessa tarefa responde que a rua era muito estreita para a carruagem de fogo, por isso não pôde trazê-lo. Diante dessa situação, Jizô, outra deidade, sugere que Enma conceda mais dez anos de vida a Shiki. Este, imediatamente, diz: “Que ideia absurda! Ninguém se importaria em viver mais dez anos com saúde, mas, com a dor que sinto atualmente, quero ser levado o quanto antes. Não suportaria mais dez anos desta tortura!” (MASAOKA, 1927a, 21 de maio). Com pena, Enma diz que irá buscá-lo naquela mesma noite. Shiki, entretanto, responde que é muito cedo. Enma retruca:

— Que tal amanhã à noite?

— Não seja maldoso! Quero que seja uma surpresa.

Emma sorri, sardônico.

— Muito bem. Então será uma surpresa. Mas você deve compreender que a surpresa pode chegar esta noite.

— Senhor Enma, eu não gosto de ameaças! (Idem)

O espaço para a metáfora se torna exíguo na descrição da doença vivida, sentida no próprio corpo. Ao invés do sentimentalismo da obra de Tokutomi, inspirada nos dramas ocidentais, temos um retrato nu e cru da vida de um enfermo confinado à cama nos diários de Shiki. Alguém que sofre, lamenta, mas que também é capaz de rir de si mesmo.

5 Bairro de Tóquio em que o autor morava.

3. Kajii Motojirô, um paciente despreocupado

Kajii Motojirô escreveu apenas cerca de vinte contos. Eles não possuem o que poderia ser chamado de um enredo, são mais descrições de momentos e sensações de um protagonista, geralmente identificado com o próprio autor. Acontecimentos banais como um passeio pelas montanhas ou o comportamento das moscas no quarto de uma pousada ganham uma nova dimensão devido à sua riqueza imaginativa. Apesar da narrativa em primeira pessoa, segundo alguns teóricos, seus textos não poderiam ser classificados como pertencendo ao gênero literário conhecido como Escrita do Eu, ou *shishôsetsu*, pois, mais do que expor os sentimentos ou a intimidade do autor, sua narrativa revela uma pessoa que busca decifrar e recompor a realidade, como um pintor faria. Elementos externos e internos se unem na confecção dos textos de Kajii: “através de um estilo elegante, irônico, de rara felicidade expressiva, ele constrói um universo de dimensões diminutas e originalidade absoluta” (AMITRANO, 1989, p. 250).

Kajii nasceu em 1901, em Osaka, um ano antes da morte de Masaoka Shiki, no entanto, sua vida tem muitos paralelos com a deste último. Como Shiki, Kajii entrou na Universidade Imperial para estudar literatura em 1924, porém, também não completou o curso. Ele havia sido diagnosticado com tuberculose em 1920 e seu estado de saúde se agrava em Tóquio. Depois disso, ele passa alguns meses convalescendo na estação termal de Yugashima, na Península de Izu. É durante esse período que ele estabelece uma relação de amizade com o escritor Kawabata Yasunari (1899-1972) que também passava temporadas no lugar. Kajii o admirava e costumava visitá-lo em sua pousada para jogar partidas de *go* e conversar sobre literatura na companhia de outros escritores.

No entanto, seu estado não melhorou e Kajii retornou para a casa da família, ficando sob os cuidados da mãe até a morte em 1932, aos trinta e um anos. Como Shiki, ele também passou os últimos momentos acamado. Apesar de não ter obtido reconhecimento em vida, o mérito de seus textos não passou despercebido depois de sua morte e *O limão* (Remon, 1925) e *Sob as cerejeiras* (*Sakura no ki no shita ni wa*, 1928) são alguns de seus contos mais emblemáticos.

Em *O limão*, o protagonista descreve seu cotidiano de enfermo sem nenhum tostão que gosta de passear pelas ruelas de quarteirões dilapidados e que aprecia fogos de artifício baratos e discos de vidro decorados. Um dia, em uma de suas andanças, ele se detém diante de uma frutaria e adquire um único limão. Sua posse faz com que ele se esqueça da angústia e da melancolia. O frescor, a forma, o aroma e o peso do limão condensam sua ideia de perfeição. Animado pela coragem proporcionada pelo fruto, ele entra na livraria Maruzen, um dos lugares de que gostava, mas que se tornara opressivo nos últimos tempos. Ele empilha livros de arte que retira das estantes e constrói um “castelo” sobre o qual deposita o limão e “sai de fininho”. Em sua imaginação, ele é um vilão que armou uma bomba. Ela logo explodiria no interior da Maruzen e levaria o lugar pelos ares.

Em *Sob as cerejeiras*, a ideia de que a beleza das cerejeiras em flor se deve ao fato de suas raízes se nutrirem dos cadáveres enterrados sob elas é fascinante para o narrador:

Cadáveres de cavalos, de cães e gatos, até mesmo cadáveres humanos, todos putrefatos, pululando de vermes, fétidos. Eles exsudam uma secreção de transparência cristalina. As raízes das cerejeiras os envolvem com a avidez de polvos e sugam essas secreções com radículas semelhantes aos tentáculos de anêmonas. (KAJII, 2021, p. 168)

Segundo Lippit (1980), os textos de Kajii refletiriam uma sensibilidade aguçada pela doença. Sua imaginação projeta uma realidade interna — seu sentimento de decadência e angústia — para a realidade exterior e o resultado é inusitado. Grotesco e belo, vida e morte, escuridão e luminosidade, há um contraste entre opostos que provoca desconforto, perplexidade e fascínio. Kajii é um observador e seus textos são comparados a pequenos poemas em prosa.

Leitor de Baudelaire, ele provavelmente encontrou inspiração no poeta francês. Como este, Kajii era um *flâneur* que apreciava caminhar e se perder por ruelas obscuras, decadentes e não via muito sentido em ter uma existência respeitável. Assim como Shiki, ele é a imagem do poeta sensível, original e de morte precoce. E, se em um primeiro momento, Kajii parece sentir que sua condição o aproxima do poeta francês e lhe confere a aura romântica dos artistas criativos e condenados, típica do Ocidente, à medida que sua situação se agrava e a morte se torna mais próxima, Kajii, assim como Shiki, não a romantiza e o *flâneur* com ideias diabólicas dá lugar a um observador da devastação causada pela doença na sociedade.

Isso se torna evidente no texto que escreve pouco antes de sua morte, *Um Paciente Despreocupado* (*Nonki na Kanja*, 1932), que difere do restante de sua obra por demonstrar um interesse particular por questões sociais. Nesse texto, ele trata da vida precária das pessoas que sofrem de tuberculose na sociedade japonesa em sua época. O parágrafo inicial do conto descreve a condição de enfermo de Yoshida, seu protagonista:

Yoshida sofria de uma doença pulmonar. Nem bem o inverno se aproximou e os dias se tornaram um pouco mais frios que, logo em seguida, uma febre alta e uma terrível tosse se manifestaram. Ele tossia tanto que parecia a ponto de expelir todos os órgãos do interior de seu peito. Quatro ou cinco dias depois, ele já estava extremamente emaciado. Também tossia pouco. No entanto, isso não significava que estivesse curado, pois a exaustão dos músculos de seu estômago, empregados para tossir, parecia não permitir que tossisse mais. Além disso, seu coração estava muito enfraquecido e quando a tosse o perturbava, o sofrimento que experimentava até que ele voltasse a se aquietar era excruciante. Em suma, ele deixara de tossir devido à debilidade do corpo que perdera o vigor inicial, e a prova disso era a dificuldade de respirar que se agravava cada vez mais e fazia com que tivesse que aspirar o ar em pequenas doses várias vezes seguidas. (KAJII, 2021, p. 189)

Kajii se encontrava na mesma situação do personagem na época em que escreveu esse conto, portanto, é muito provável que ele narre suas próprias experiências. Não há minimização ou exagero na descrição das dificuldades de Yoshida devido à tuberculose. Ele vive acamado, sob os cuidados da mãe em uma casa isolada no campo. Seu contato com o mundo se dá por aquilo que ouve da mãe e pela observação da paisagem, feita por meio de um espelho e dos binóculos que mira na direção do jardim. Sua doença o frustra e, às vezes, ele tem ataques de mau humor.

Sua situação, no entanto, não é diferente daquela de muitas outras pessoas que sofrem com a mesma doença, como a jovem filha do dono de um armazém que morre depois de um longo período de cama e vários conhecidos da cidade onde havia morado antes da mudança para o interior:

A história dessa garota suscitou vários pensamentos em Yoshida. Em primeiro lugar, ele notou que, no curto intervalo de alguns meses desde que deixara a cidade e se mudara para o campo, ele havia recebido a notícia da morte de várias pessoas. A mãe ia uma ou duas vezes à cidade e sempre contava que alguém havia morrido ao retornar. Em geral, eram pessoas vitimadas por doenças pulmonares. E o período de tempo transcorrido entre contrair a doença e morrer era extremamente curto. A filha de um professor da escola morrera dentro de seis meses e agora era o filho que estava acamado. O dono do negócio de lãs na rua principal, que até pouco tempo passava o dia fiando no tear instalado dentro da loja, morrera de repente. A família fechara a loja e retornara para a cidade natal. O espaço logo deu lugar a um café. (KAJII, 2021, p. 201)

Yoshida também descreve os remédios supostamente milagrosos aos quais os doentes recorrem e aqueles que lhe são sugeridos: engolir pequenos peixes de água doce, misturas feitas com filhotes de rato torrados, a corda usada por um doente para se enforcar ou o cérebro de outro que fora cremado. Panaceias duvidosas, no entanto, ele compreende que elas são fruto do desespero dos doentes e de sua necessidade de conservar um pouco de esperança:

...Yoshida julgou absurda a ignorância que levava as pessoas a acreditar nessas superstições, mas, no fundo, a ignorância do ser humano tinha diferentes graus e, se a sensação de absurdo diante dessas situações fosse deixada de lado, restariam dois fatos subjacentes: o desespero das pessoas em encontrar um meio de curar as afecções pulmonares e o desejo dos doentes de que houvesse um sinal, por ínfimo que fosse, que indicasse uma melhora de seu estado. (KAJII, 2021, p. 203-204)

Parece ser natural que as pessoas sintam a necessidade de buscar ou recomendar tratamentos para os doentes que sofrem de males sem cura. No entanto, tanto o

protagonista de Kajii quanto o poeta Shiki veem esse tipo de prática com ceticismo. Este último, inclusive, pede que seus leitores parem de lhe enviar recomendações “infalíveis” para curar sua doença: infusões de raízes, pílulas feitas com fígados de chineses, rezar para divindades, especialistas em tuberculose etc. Ele agradece a preocupação, mas explica que sua doença é fatal e que se encontra em seu estágio final. Remédios milagrosos são inúteis, pode ser tarde até mesmo para uma intervenção divina, escreve, em tom irônico. (cf. MASAOKA, 1927a, 20 de abril).

Tanto Shiki quanto Kajii têm consciência de que irão morrer. Eles sentem medo, têm seus momentos de fraqueza e angústia diante do fim iminente. No entanto, aceitam isso como um processo inevitável e falam sobre sua condição de modo realista e prático, sem metáforas, sem eufemismos.

4. Conclusão

No início de seu manifesto contra a transformação da doença em metáfora, Sontag escreve:

A doença é o aspecto noturno da vida, uma cidadania onerosa. Todos os que nascem possuem dupla cidadania, no reino dos sãos e no reino dos enfermos. Embora todos nós prefiramos empregar o bom passaporte, cedo ou tarde, cada um de nós é obrigado, ao menos por um curto lapso de tempo, a se identificar como cidadão daquele outro lugar.

Desejo descrever não como realmente é emigrar para o reino dos enfermos e viver lá, mas as fantasias punitivas e sentimentais criadas sobre essa situação; não a geografia real, mas os estereótipos de caráter nacional. Meu tema não é propriamente a doença física, mas os usos da doença como uma figura ou metáfora. Meu ponto é que a doença não é metáfora, e que a forma mais genuína de considerar a doença — e a forma mais saudável de adoecer — é aquela mais purificada de, mais resistente ao, pensamento metafórico. (1978, p.3)

Se a tuberculose transforma as protagonistas de Tokutomi e Dumas em símbolos, figuras trágicas, ela é mencionada sem adornos ou sentimentalismo nas obras de Shiki e Kajii. Ter tuberculose não faz com que nenhum dos dois demonstre revolta metafísica ou mistifique a existência. A doença descrita a partir do corpo enfermo é diferente daquela descrita por um terceiro, por aqueles que apenas podem observá-la ou imaginá-la, ou seja, para aqueles que nunca precisaram se “identificar como cidadãos daquele outro lugar”, o reino dos enfermos.

Karatani questiona se o ponto de vista lúcido de Shiki sobre a tuberculose estaria relacionado ao budismo, que pregaria uma postura impassível diante dos infortúnios da existência, no entanto, ele mesmo conclui que provavelmente esse não seria o caso. Acreditamos que a explicação mais simples para a abordagem da tuberculose nos textos

de Shiki e Kajii seja o fato de ambos terem o carimbo do “reino dos enfermos” em seus “passaportes”. A descrição que parte do corpo doente não poderia deixar de ser genuína e sã.

Referências bibliográficas:

- AMITRANO, G. Kajii Motojirô: un'estetica dell'osservazione. **Il Giappone**, vol. 29, p. 249–266, 1989. Disponível em www.jstor.org/stable/20749718 Acesso em Nov de 2020.
- BEICHMAN-YAMAMOTO, J. Masaoka Shiki's *A Drop of Ink*. **Monumenta Nipponica**. Sophia University, no. 3, v. 30, Autumn, p. 291-315, 1975. Disponível em www.jstor.org/stable/2383584 Acesso em Nov de 2020.
- DODD, S. **The Youth of Things: life and death in the age of Kajii Motojirô**. University of Hawai'i Press, 2017.
- ITO, K. K. The family and the nation in Tokutomi Roka's *Hototogisu*. **Harvard Journal of Asiatic Studies**, Vo. 60, No. 2 (Dec, 2000), pp. 489-536.
- KAJII, M. **O Limão**. Tradução: Karen Kazue Kawana, Porto Alegre: Bestiário, 2021.
- LIPPIT, N. M. Disease and madness in modernist literature. **Reality and Fiction in Modern Japanese Literature**. New York: Macmillan, 1980.
- LOZERAND, E. Corps, maladie, écriture chez trois auteurs japonais du début du XX^e siècle: Nakae Chômin, Masaoka Shiki, Natsume Sôseki. **Extrême-Orient, Extrême-Occident**, 39, p. 21-45, 2015. Disponível em www.jstor.org/stable/24716533 Acesso em Nov de 2020.
- MASAOKA, S. **Bokujû Itteki**. Iwanami Shoten, 1927a. Disponível em https://www.aozora.gr.jp/cards/000305/files/1897_18672.html Acesso em Nov de 2020.
- MASAOKA, S. **Byôshô Rokushaku**. Iwanami Shoten, 1927b. Disponível em https://www.aozora.gr.jp/cards/000305/files/43537_41508.html Acesso em Nov de 2020.
- MASAOKA, S. **Shiki, inventor do haikai moderno**. Tradução: Andrei Cunha e Roberto Schmitt-Prym. Bestiário: Porto Alegre, 2021.
- SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **A Bailarina da Morte: a gripe espanhola no Brasil**. Cia das Letras: São Paulo, 2020. Edição Kindle.
- SONTAG, S. **Illness as Metaphor**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1978.

Recebido em 26 de novembro de 2020

Aprovado em 03 de junho de 2021